



<b>Veículo:</b> O Liberal		
<b>Data:</b> 26/04/2018	<b>Caderno:</b> Atualidades	<b>Página:</b> 06
<b>Assunto:</b> Debate		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Provocada	<b>Classificação:</b> Positiva

## Belém debate uso medicinal da maconha

### TRATAMENTO

Famílias defendem seu direito de utilizar canabidiol em casos específicos no Brasil

Famílias que tentam conseguir autorização para comprar o óleo de canabidiol - medicamento feito com uma das substâncias extraídas da maconha - participaram de um debate, na tarde de ontem, na Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi o primeiro evento preparativo para a Marcha da Maconha 2018. O evento foi organizado pelo Movimento pela Legalização da Maconha que também organiza a marcha. O documentário brasileiro "Ilegal" (2014), que trata da luta de pacientes pelo direito ao uso medicinal das substâncias da erva, foi exibido e debatido pelos participantes. Também se discutiu a violência gerada pela proibição da maconha e da Política de Redução de Danos como modelo alternativo à política proibicionista.

Em Belém, a fotojornalista Danielle Bastos, de 31 anos,

luta para que o filho Davi Silva, de seis anos, diagnosticado com autismo leve, tenha o direito ao tratamento alternativo com uso medicinal do óleo de canabidiol e um grupo de família com crianças com autismo busca substituir o remédio risperidona pelo óleo da cannabis. A risperidona é indicada por muitos médicos neurologistas para crianças e adolescentes com autismo para controlar a irritabilidade associada ao transtorno, incluindo desde sintomas de agressividade a autoagressão deliberada, crises de raiva e angústia e mudança rápida de humor. Entretanto, o remédio traz uma série de efeitos colaterais.

"Hoje estou na luta para conseguir a autorização da Anvisa para utilização do óleo de cannabis, que não é um medicamento, na verdade, porque não vai ter os efeitos colaterais do medicamento que ele está usando atualmente", explicou Danielle. "Já tem muitas histórias de pessoas que fizeram uso do óleo de cannabis

e tiveram melhorias significativas. O medicamento que ele está tomando, além de todos os efeitos colaterais, não surte muito efeito na questão da agressividade e hiperatividade. Isso prejudica ele, porque ele não consegue se concentrar para fazer atividades na escola, participar de aniversários, em ambientes que tem muita gente, muito barulho".

Um dos organizadores, o jornalista Raphael Castro, de 22 anos, argumentou que no mundo todo já se entende a necessidade de usar o canabidiol para diversos tratamentos, mas no Brasil há dificuldades de burocracia e o preconceito transforma o assunto em tabu. "O foco hoje é no uso medicinal da maconha, porque este é um debate em que o Brasil está bastante atrasado", acrescentou. "Há uma demanda muito grande para pacientes que precisam do canabidiol". Segundo ele, quem tem dinheiro para fazer o tratamento vai para outro país. Os demais precisam se submeter aos tratamentos existentes no Brasil. "O que acontece é que estas pessoas precisam também do medica-



mento para melhorar sua qualidade de vida”, arrematou.

Na próxima quinta-feira, 3 de maio, o movimento tem programado um sarau multicultural, a partir das 18h, em frente ao Mercado de São Brás.



Debate foi o primeiro momento de **preparação** para a Marcha da Maconha 2018